



1. [uma lambujem ao intermediário ...]

2 DE SETEMBRO DE 1883, BALAS DE ESTALO

Em 22 de janeiro de 1883 o Tesouro Nacional contraiu junto aos Rothschild & Sons um empréstimo externo, a juros de $4\frac{1}{2}\%$ no valor de £ 4,6 milhões, sob a forma de bônus vendidos em Londres ao preço de 89%;¹ com isso, e com as comissões, o total captado foi de £ 4 milhões. A comissão de corretagem aos contratadores foi de $2\frac{1}{4}\%$, cerca de £ 90 mil, e o esquema de amortização era tal que os bônus estariam totalmente resgatados apenas em 1921. Entretanto, as duas moratórias de 1898 e 1914 resultaram em estender o prazo do empréstimo, já misturado a outros reescalonados, em mais 26 anos, e com isso os volumes reescalonados foram alcançados pela moratória de 1931.² O mesmo tratamento foi dado às apólices do empréstimo de 1895 que o próprio Machado declara possuir em seus dois testamentos de 1898 e 1906, que veremos no Capítulo 40. As moratórias atingiram Machado, mas a inflação foi-lhe muito mais cruel; esses títulos não tinham correção monetária, que somente seria inventada nos anos 1960. Na verdade, justamente para “limpar” o terreno para o uso mais amplo da correção na dívida pública, em 1967, por iniciativa do ministro Roberto Campos, os empréstimos “velhos”, dentre os quais o de 1895, e cujo valor real havia sido corroído quase que totalmente por mais de meio século de inflação, foram resgatados na íntegra, para o que o Tesouro gastou quantias irrisórias. Os bônus não apresentados para resgate, exclusivamente pelo desinteresse de seus possuidores, foram declarados prescritos. Recentemente, um projeto de lei procurou instituir retroativamente a correção monetária para esses empréstimos antigos que não foram apresentados para resgate em 1967. As belas cautelas que enfeitavam paredes, ou que eram vendidas em camelôs no centro do Rio e nos “buquinistas” de Paris, desapareceram. A feitiçaria chegou a prosperar em

Leroy-Beaulieu

Paul Leroy-Beaulieu (1843-1916), economista francês autoridade no assunto. Em seu *Traité de la Science des Finances*, de 1912, dedica atenção aos eventos monetários do Brasil como a crise de 1899 e as políticas de Campos Salles e Joaquim Murinho.ⁱ Sobre essas, há registro de correspondência, em 1902, entre ele e o barão do Rio Branco.ⁱⁱ

Revista dos Dois Mundos

Fundada em 1831, em Paris, teve como proposta a reformulação de conceitos literários. Raramente tratava de finanças.

Apóstolo

Jornal católico que circulou no Rio de Janeiro entre 1866-1901, amiúde ironizado por Machado, como aqui, onde supõe que o *Apóstolo* tinha “retrospectos comerciais” como os do *Jornal do Commercio*, estes sim, podiam ser considerados “evangelhos” de uma bíblia dos financistas.

Sr. Corrêa

Senador Manoel José Corrêa, do Paraná.

Sr. Junqueira

Senador João José de Oliveira Junqueira, da Bahia. Depois ministro da Guerra entre 1885-88.

E POR QUE NÃO trataremos um pouco de finanças? Tudo tem entrado no tabuleiro das balas; só as finanças parecem excluídas, quando aliás todos nós as amamos cá em casa, não só por motivos públicos, como por outros particularíssimos.

Vá, pois, de finanças. Resolvi isto hoje às oito horas da manhã. Para não vir de todo uma tábua rasa, peguei de um artigo de Leroy-Beaulieu, um volume da *Revista dos Dois Mundos*, de 1852, os retrospectos comerciais do *Apóstolo*, etc. Conversei mesmo com um barbeiro, que me provou a todas as luzes que o dinheiro é mercadoria, por sinal que muito cara. Li tudo, misturei, digeri, e aqui estou.

Aqui estou, e digo.

Já leram os debates de anteontem na câmara dos senadores e os de ontem na dos deputados? Não; tanto melhor para mim. A questão é esta: o nosso último empréstimo externo (alta finança) foi contraído diretamente pelo governo, que se fez representar por um funcionário do Tesouro. O Sr. Corrêa, primeiro, e depois o Sr. Junqueira, tendo notícia de que os antigos empréstimos deixaram uma lambujem ao intermediário, perguntaram ao governo, se este, isto é, o Tesouro, tinha ficado com a dita lambujem, uma vez que não houve outro intermediário, senão ele mesmo.

A resposta resume-se assim: – os empréstimos deixam 2% para o contratador, que costuma dividi-los com o intermediário. Sendo, porém, este o próprio governo, não

tem o contratador a quem dar a lambujem, e fica com tudo. “O costume que existe em Londres (disse o **Sr. Lafaiete**) é uma liberalidade dos contratadores, não tendo o Tesouro o direito de reclamar essa comissão; por ter sido negociador o ministro da Fazenda: nada se recebeu.”

Parece que esta teoria inglesa, ou, mais especialmente, londrina, não agradou a algumas pessoas. A mim mesmo confesso que desagradou profundamente. Tinha intenção de pedir cinco mil-réis ao **Lulu Sênior**, dando-me ele ainda por cima uns cinco ou seis tostões de lambujem, e confesso que o exemplo dos Srs. Rothschilds quebrou-me as pernas.

Na verdade, qual é a condição para obter a liberalidade (ou lambujem) dos Srs. Rothschilds? Quanto a mim, todo o mal foi do Tesouro. O Tesouro, em vez de chegar à casa dos Srs. Rothschilds, propor o negócio, concluí-lo, esperar que eles lhe mandassem a preta dos pastéis, e, cansado de esperar, ir pedi-la; o Tesouro, digo, devia ter feito o contrário. Devia ir daqui a Londres; uma vez chegado, a começar a passear pelas ruas, com as mãos nas algibeiras, como quem não quer a coisa. Os Srs. Rothschilds, mal o vissem, corriam a apertar-lhe a mão:

– V. Ex^a por aqui! Que quer? que manda? Disponha de nós... Sabe que fomos e seremos os seus maiores amigos. Vamos, entremos. Que quer? Dois milhões? cinco milhões? dez milhões?

Sr. Lafaiete

Conselheiro Lafaiete Rodrigues Pereira (1834-1917), do Partido Liberal, então presidente do Conselho de Ministros, acumulando o cargo com o de ministro da Fazenda. Como relata Magalhães Júnior, Lafaiete “tinha muitas afinidades de espírito com Machado de Assis – inclusive no recitar Molière em seus discursos parlamentares”;ⁱⁱⁱ não só escreveu o opúsculo *Vindiciae*, defendendo-o dos ataques de Silvio Romero, como foi o sucessor de Machado na Academia Brasileira de Letras.

Lulu Sênior

Pseudônimo utilizado por Ferreira de Araújo, fundador e proprietário da *Gazeta de Notícias*, em suas crônicas escritas para a série “Balas de estalo”.

empalhar um crocodilo

A referência transparece um duplo sentido para este “crocodilo”. Em outras alusões ao animal, parece haver a conotação de “dinheiro, valor, verba, orçamento”, como no “Conto alexandrino”: “Cidade e corte, que desde muito tinham notícias dos nossos dois amigos, fizeram-lhes um recebimento régio, mostraram conhecer seus escritos, discutiram as suas idéias, mandaram-lhes muitos presentes, papiros, crocodilos, zebras, púrpuras ...”^{iv}. E também em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: “Ela era menos escrupulosa que o marido; manifestava claramente as esperanças que trazia no legado, cumulava o parente de todas as cortesias, atenções e afagos que poderiam render, pelo menos, um crocodilo.”^v

O Paraguai pagou-me

Referência a indenizações devidas ao Brasil, decorrentes da Guerra do Paraguai (1864-70), que vinham sendo pagas nos últimos anos.

– Nada disso, responderia fleumaticamente o Tesouro. Venho **empalhar um crocodilo**.

Surpresa dos Rothschilds, que não compreendem nada; mas o Tesouro, sempre dissimulado, pergunta-lhe se não conhecem algum empalhador hábil, ligeiro e moderado nos preços. Os Srs. Rothschilds, versados na escritura, crêem que o Tesouro está falando por imagem, e que o crocodilo é o deficit. Oferecem-lhe dinheiro.

– Não, diria então o Tesouro; não preciso de dinheiro. Não imaginam como ando agora abarrotado. Cheguei ao extremo (é segredo, mas vocês são meus amigos) cheguei ao extremo de emprestar à 4%.

– Impossível!

– Verdade pura. **O Paraguai pagou-me**, há três semanas, tudo o que devia e mais os juros capitalizados; tive algumas deixas, fiz uns negócios; em suma, disponho agora de uns novecentos mil contos... E foi justamente por isso que resolvi fazer uma pequena viagem à Europa.

– Pois bem; mas numa hora cai a casa, nós podíamos fazer um pequeno negócio...

– Só se fosse muito barato.

– Pois sim.

– Com outra condição.

– Qual?

Era que o Tesouro punha o pé no pescoço dos Srs. Rothschilds. A condição era dividir a lambujem. Eles, arriscados a perder a ocasião e o freguês, aceitavam tudo. Emprstavam o dinheiro, davam a lambujem; chegavam mesmo ao apuro de lhe mandar outro crocodilo.